

caderno de leituras n.107

desta terra, para esta terra

série *intempestiva*

isael maxakali
e sueli maxakali

edição e tradução
de **roberto romero**



**nota do
tradutor**

Este texto foi originalmente publicado no verbete "Maxakali" do livro *Povos Indígenas no Brasil 2011/2016*, organizado pelo Instituto Socioambiental (ISA). Essa publicação quinzenal é uma das fontes mais importantes e seguras de informação sobre a situação dos mais de 300 povos indígenas que vivem atualmente no Brasil.

1. [N.t.] Mais conhecidos como Maxakali, os Tikmũ'ũn são cerca de 2.000 pessoas vivendo em três terras indígenas no Vale do Mucuri, nordeste de Minas Gerais.

2. [N.t.] Provável referência aos padres capuchinhos, responsáveis pela implantação das missões em toda a região do Vale do Mucuri entre os séculos XIX e XX.

3. [N.t.] Yĩmkoxeka ou “orelhas grandes” é como os Tikmũ'ũn se referem aos seus vizinhos tradicionais, os povos Borun, como os Krenak que vivem hoje nas margens do Rio Doce.

Os Tikmũ'ũn¹ sempre andaram por aqui, nestas terras que vocês, brancos, chamam hoje de Vale do Mucuri e que nós chamamos kōnāg mōg yok, “onde corta o rio”. Éramos muitos antigamente e vivíamos acompanhando as águas. Fazíamos uma aldeia, caçávamos, pescávamos e dançávamos com os yāmiyxop [espíritos] e depois de um tempo os mais velhos se reuniam e decidiam se mudar. Antigamente não havia brancos aqui. Quando os primeiros brancos chegaram, eram muito bravos. Mataram muitos Tikmũ'ũn e trouxeram doenças também. Os “padres de roupa vermelha”² [ãmānex xax āta] traziam panos para os Tikmũ'ũn, que espalhavam sarampo e varíola. Quando um adoecia, todos se separavam, com medo, e fugiam para o mato. Foi assim mesmo que aconteceu aqui perto, em Itambacuri (MG). Os Tikmũ'ũn partiram, subiram até o Vale do Jequitinhonha, onde hoje fica Araçuaí (MG). Outros vieram do sul da Bahia e fugiram para Minas Gerais, assim como fizeram os Yĩmkoxeka³ que foram subindo do Espírito Santo até chegarem em Teófilo Otoni (MG). E quando se encontravam, os Tikmũ'ũn e os Yĩmkoxeka brigavam.

Mas havia o espírito de uma criança, yāmiy nāg, que sempre nos avisava quando alguma ameaça como os brancos ou os botocudos se aproximava. À noite, ele vinha e batia nas madeiras da casa do seu pai tok tok tok tok e avisava: “Pai! Pai! Vocês devem partir! Leve os Tikmũ'ũn para longe daqui! Escondam-se! Os brancos estão vindo te matar!”. E então os Tikmũ'ũn fugiam outra vez. Por fim, chegamos onde hoje ficam as aldeias de Água Boa (Santa Helena de Minas, MG) e Pradinho (Bertópolis, MG) e nos escondemos debaixo de uma pedra bem alta, que chamamos mikax kaka, “debaixo da pedra”. Mas os brancos então já estavam por toda parte e nos perseguiram, querendo nos matar. Quando os brancos se aproximavam ou os Tikmũ'ũn ouviam passar um avião, corriam para dentro de uma gruta em Água Boa, onde viviam vários morcegos, e esperavam os brancos passarem. Os brancos iam embora, pensando que tinham acabado com todos, mas eles estavam lá, escondidos. Com o tempo, não teve mais jeito e eles tiveram que se envolver com os brancos. Os brancos traziam cachaça, tecidos, facas, foices e distribuíaam entre eles. Naquele tempo, os Tikmũ'ũn não sabiam das coisas. Os brancos traziam uma faca e eles trocavam por terra, traziam um

boi, e eles trocavam por terra, traziam cachaça, e eles trocavam... Os brancos tiravam fotos dos homens e das mulheres e mostravam para eles dizendo: “Aqui está a alma [koxuk] de vocês! Se vocês não forem embora daqui, vamos destruir vocês todos!”. E os Tikmũ’ün, com medo de perderem seus yãmĩyxop [espíritos], fugiam. Assim os fazendeiros foram tomando as nossas terras e derrubando toda a mata. Nós mesmos, quando crescemos em Água Boa, vimos com nossos próprios olhos a mata grande. Mas com o tempo os fazendeiros derrubaram tudo e a floresta virou capim. Nós, Tikmũ’ün, tivemos que escolher: ou perdíamos a terra ou perdíamos a língua. Preferimos perder a terra do que perder a língua. Porque a língua pertence à nossa alma, é nossa identidade, é nosso canto. E os cantos fazem parte da nossa vida cotidiana e da nossa cura.

Hoje, a terra onde vivemos é pequenininha. Os brancos tomaram tudo. A terra, as águas, o céu, o sol e o vento hoje estão doentes. Por que estão doentes? Porque a mata acabou, os rios secaram e as nossas águas adoeceram. O corpo da terra está quente. Plantamos sementes e mudas, mas elas não crescem mais como antes. A terra está quente por dentro e por isso as sementes se queimam antes de brotar. Mesmo se molharmos, não crescem tão rápido como crescem com a água da chuva. A mata hoje está fraca. Não há mais árvores altas e fortes como as que viviam aqui antigamente. A chuva e os ventos estão com raiva e não querem mais cair ou soprar por aqui. Por isso a terra está tão quente. Quando a água dos lagos evapora, se transforma em nuvens vermelhas, que também estão doentes e esquentam a terra. Chove forte, mas a chuva que cai hoje em dia adoce as nossas crianças. Antigamente, nossas crianças não adoeciam como hoje porque havia muita mata e muita sombra. Mas hoje, quando chove ou venta, elas começam a tossir, a gripar e a queixar dor de garganta, dor de cabeça... Antigamente, não sofriam nada disso. Mas os brancos chegaram e derrubaram toda a mata, poluíram os rios, construíram usinas hidrelétricas e acabaram com os peixes. Nossos avós viviam até os cem anos. Mas nós não chegaremos nesta idade, porque hoje temos doenças que não conhecíamos e já não comemos mais como antigamente.

Ainda assim, os Tikmũ'ũn sabem curar esta terra. Nós podemos trazer de volta a mata, as frutas e os bichos. Quando chegamos aqui, em Aldeia Verde (Ladainha-MG), a mata era pequena. Os fazendeiros que viviam aqui tinham queimado tudo para fazer carvão e por toda parte só víamos braquiária. Depois que chegamos, a mata voltou a crescer, mas mesmo assim a terra é muito pequena. Os brancos têm poucos filhos hoje em dia, mas nós não. Nós temos muitos filhos e um dia na nossa terra não caberá mais tanta gente. Ou vamos todos virar brancos e morar em casas compridas de cimento como nas cidades? Nós morando embaixo, nossos filhos no andar de cima, nossos netos e os filhos dos nossos netos em cima deles? E como os yãmiyxop [espíritos] vão fazer para buscar comida nestas casas? Vamos ter que descer de elevador para levar comida para eles? Ou amarrar um cipó bem comprido para que eles subam, como macacos, buscando comida? Não vai dar!

Por isso pedimos para o governo aumentar as nossas terras. Mas nós, os Tikmũ'ũn, somos muito desprezados. Os governos não reconhecem que somos indígenas vivendo em Minas Gerais e que temos ainda a nossa cultura viva. Todos os presidentes que assumem não reconhecem a existência do nosso povo e da nossa cultura forte, que aqui também nós temos as nossas madeiras vivas, que são gente, e que precisamos criar os seus filhos para continuar existindo os remédios da mata e a água que faz as nossas crianças crescerem fortes como as árvores. Hoje os pajés Tikmũ'ũn estão muito cansados e tristes. Por que vocês acham que eles estão se matando? Estão se matando para não terem que continuar assistindo a tudo de ruim que acontece por aqui. Os yãmiyxop já não têm mais onde caçar, banhar ou o que comer. As matas e os rios acabaram. Daí a preocupação que não sai da cabeça deles. Por isso, muitas vezes, os pajés preferem se matar. Eles pensam assim: “Eu vou me matar! Eu vou viver com os yãmiyxop e de lá vou cuidar dos Tikmũ'ũn!”. E assim eles fazem. Morrem, mas continuam aqui, entre nós, caminhando pela mata com os yãmiyxop. Aqui, os yãmiyxop já não podem caminhar como faziam antigamente. Os cantos já não surgem mais. Os fazendeiros nos cercaram. Por onde a gente anda, vemos cercas e placas dizendo “proibido caçar”, “proibido pescar”, “proibido atravessar”. Os fazendeiros são todos onças. Não podemos continuar vivendo assim!

Caderno de Leituras n.107
série *intempestiva*

**Desta terra,
para esta terra**

Isael Maxakali
e Sueli Maxakali

Coordenação editorial
Maria Carolina Fenati

Coordenação de arte
Luísa Rabello

Edição e Tradução
Roberto Romero

Projeto gráfico
Mateus Acioli

Composto em Maax,
desenhada por Damien
Gautier para 205TF Foundry.

Edições Chão da Feira
Belo Horizonte, junho de 2020

Esta e outras publicações
da editora estão disponíveis
em www.chaodafeira.com

Este projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte.
Patrocínio UniBH. Projeto 0699/2017.

Realização

Incentivo

unibh >



CULTURA



**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**